

Henrique Nuno

www.editoraferreira.com.br

1 - Em texto da Folha de São Paulo, um morador das margens de uma grande rodovia declarava o seguinte:

Hoje já passaram por aqui milhares de caminhões e automóveis, mas eu e minha família já estamos habituados com isso; os garotos até brincam, jogando pedra nos pneus.

Há, nesse texto, um conjunto de palavras cujo significado depende da enunciação, ou seja, da situação em que o texto foi produzido. Entre as alternativas abaixo, aquela que indica um termo que NÃO está nesse caso é:

- a) hoje;
- b) aqui;
- c) eu;
- d) minha família;
- e) isso.

1. **Resposta: E** – O pronome “isso” não depende da situação em que o texto foi produzido; refere-se ao que foi falado anteriormente (ao fato de já terem passado, naqueles dias, milhares de caminhões e automóveis, mas eles estarem acostumados com esse movimento).

Comentário:

Os demais termos são chamados “dêiticos”, ou seja, “*assinalam o locutor da enunciação, o interlocutor a quem se dirige a enunciação, o tempo e o espaço; referem-se a entidades, objetos, processos constitutivos do contexto situacional*”. (Oliveira & Sardinha)

- a) “Hoje” refere-se ao dia em que aconteceu o fato (tempo);
- b) “aqui” indica o espaço (lugar) em que o locutor fala;
- c) “eu” refere-se à pessoa que falou (o locutor - o morador);
- d) “minha família” refere-se à família de quem falou (o morador).

2 - O segmento inicial de nosso Hino Nacional diz o seguinte:

Ouviram do Ipiranga as margens plácidas
De um povo heróico o brado retumbante

Se colocados na ordem direta, os termos desses dois versos estariam assim dispostos:

- a) As margens plácidas do Ipiranga ouviram / O brado retumbante de um povo heróico;
- b) As margens plácidas ouviram do Ipiranga / O heróico brado retumbante de um povo;
- c) As margens plácidas do Ipiranga ouviram / O heróico brado retumbante de um povo;
- d) Do Ipiranga as margens plácidas ouviram / O brado retumbante de um povo heróico;
- e) Ouviram as margens plácidas do Ipiranga / De um povo o heróico brado retumbante.

2. **Resposta: A** – A ordem direta é sujeito, verbo e complementos: As margens plácidas do Ipiranga (sujeito) ouviram (verbo) o brado retumbante de um povo heróico (objeto direto).

3 - Num pequeno texto distribuído por moradores de um condomínio da Zona Sul do Rio de Janeiro apareciam as seguintes frases:

- “os condôminos cujas reclamações o síndico não deu atenção...”
- “os itens que não foram discutidos os pontos principais...”

Sobre essas frases pode-se afirmar, em termos de correção gramatical, o seguinte:

- a) as duas frases apresentam perfeita estruturação gramatical;
- b) as duas frases apresentam o mesmo tipo de erro gramatical;
- c) só a primeira frase apresenta estrutura gramatical inadequada;
- d) só a segunda frase apresenta estrutura gramatical inadequada;
- e) as duas frases apresentam erros gramaticais de tipos diferentes.

3. **Resposta: B** – As duas frases apresentam o mesmo tipo de erro gramatical: a colocação do pronome relativo (com ou sem preposição). **Correção:** os condomínios a cujas reclamações o síndico não deu atenção (dar atenção a) = o síndico não deu atenção a cujas (=suas) reclamações = ...não deu atenção às reclamações do condomínio; os itens cujos pontos não foram discutidos = não foram discutidos seus pontos principais = não foram discutidos os pontos dos itens.

4 - O manifesto do Partido Comunista dizia: “Proletários de todo o mundo, uni-vos!”; se essa mesma frase fosse reescrita com tratamento de “vocês” em lugar de “vós”, a forma verbal do imperativo adequada seria:

- a) unem-se;
- b) unam-se;
- c) unem-nos;
- d) unem-vos;
- e) une-se.

4. **Resposta: B** – A frase do enunciado possui o verbo na segunda pessoa do plural (= vós) do imperativo. Com o tratamento de “vocês” (= terceira pessoa do plural), seria: “unam-se”.

Obs.: a segunda pessoa do imperativo, singular e plural, é idêntica à segunda pessoa do presente do indicativo, suprimindo-se o s: *tu unes – une (tu); vós unis – uni (vós)*; as demais pessoas são exatamente iguais às do presente do subjuntivo: *que vocês (= eles) unam – unam vocês*.

5 - Falando da Seleção Brasileira de Futebol, um cronista esportivo declarou o seguinte: “Carlos Alberto Parreira deveria fazer o quinteto de Ronaldo, Ronaldinho, Robinho, Adriano e Kaká, com um deles no banco de reservas, pois, assim, teria à sua disposição um substituto de qualidade para possíveis mudanças táticas.”; tal declaração peca por imprecisão, visto que:

- a) as mudanças não seriam táticas, mas técnicas;
- b) o quinteto seria sempre formado de quatro jogadores;
- c) o técnico não pode colocar titulares no banco de reservas;
- d) nem todas as mudanças produzem o efeito desejado;
- e) o banco de reservas não pode contar com um só jogador.

5. **Resposta: B** – É óbvio que, se um dos jogadores ficasse no banco de reservas, ficariam em campo apenas quatro jogadores. Nesse caso não se poderia falar em quinteto, mas em quarteto.

6 - A língua portuguesa e os conhecimentos matemáticos nem sempre estão de acordo. A frase abaixo em que a concordância verbal contraria a lógica matemática é:

- a) 50% da torcida brasileira gostaram da seleção;
- b) mais de três jornalistas participaram da entrevista;
- c) menos de dois turistas deixaram de participar do passeio;

- d) são 16 de outubro;
- e) participaram do congresso um e outro professor.

6. Resposta: C – Na linguagem matemática, “menos de dois” turistas é igual a “um” turista; por essa lógica, teríamos o verbo no singular (um deixou). No entanto, a regra de concordância gramatical diz que quando o sujeito for representado por “mais” (ou “menos”) seguido de numeral, o verbo concorda com o numeral: *Menos (mais) de dois deixaram*. O mesmo ocorre com “mais de um”. Embora a expressão, na linguagem matemática, denote plural, o verbo concorda com o numeral “um”: *Mais de um deixou*.

Obs.: se a expressão “mais de um” vier repetida ou indicar reciprocidade, o verbo vai para o plural: Mais de um homem, mais de uma mulher chegaram / Mais de um carro chocaram-se.

Comentário:

- a) Com porcentagem, o verbo concorda com o numeral ou com o substantivo: *gostaram / gostou*;
- b) Concordância com o numeral: *participaram*;
- d) O verbo concorda com o numeral, se não houver a palavra “dia”: *são 16 de outubro*.

Obs.: se houver a palavra “dia”, o verbo fica no singular, concordando com essa palavra: É dia 16 de outubro.

- e) com a expressão “um e outro” o verbo pode ficar no singular ou no plural: *Um e outro professor participou ou participaram*.

7 - “– Senhor Presidente, Vossa Excelência não me tem permitido usar a palavra! – Senhor Deputado, Vossa Excelência poderá falar após dois outros colegas!”. Esse diálogo, ouvido numa das CPIs do Congresso, mostra:

- a) a concordância verbal errada com “Vossa Excelência”;
- b) a má colocação de pronomes pessoais oblíquos;
- c) a mistura indevida de “Senhor” com “Vossa Excelência”;
- d) o uso inadequado do tratamento “Vossa Excelência” para deputado;
- e) o emprego adequado da norma culta da língua.

7. Resposta: E – Usa-se “Vossa” Excelência quando nos dirigimos à pessoa; “Sua” Excelência, quando falamos sobre a pessoa. Como se trata de um diálogo, o emprego de “Vossa” está correto.

Comentário:

- a) A concordância verbal está correta, pois o verbo, com pronomes de tratamento, fica na terceira pessoa: tem.
- b) Com locução verbal (auxiliar + principal), estando o principal no particípio e havendo palavra atrativa (não), o pronome oblíquo pode ficar antes do auxiliar: Vossa Excelência não me tem permitido usar a palavra.

Obs.: sem palavra atrativa, o pronome oblíquo pode ficar antes ou depois do auxiliar: Vossa Excelência me tem permitido usar a palavra OU Vossa Excelência tem-me permitido usar a palavra.

- c) Não há mistura indevida de “Senhor” com “Vossa Excelência”. O uso de “Senhor” é uma forma de tratamento cerimonioso; quando nos dirigimos às pessoas pelas suas posições (neste caso, autoridades), usamos a forma de reverência “Vossa Excelência”.
- d) Para “deputado”, que é uma autoridade superior, usa-se “Excelência”.

8 - Num relatório de um segurança sobre um incidente ocorrido na entrada de um grande centro comercial estava escrito o seguinte:

Tudo aconteceu a partir do momento que chegaram dois homens com dois altos-falantes e começaram a fazer propaganda de um show na porta do prédio. Ora, segundo as normas, é proibido, após as 22h, não fazer barulho neste lugar e, por isso, tivemos que expulsar eles.

Há muitos problemas no uso da norma culta por parte do segurança; a alternativa abaixo que NÃO indica corretamente um problema é:

- a) a forma plural “altos-falantes”;
- b) a grafia de “porisso”;
- c) a ausência da preposição “em” antes do pronome relativo “que”;
- d) a repetição do numeral cardinal “dois”;
- e) o emprego menos adequado de “eles” como objeto direto.

8. Resposta: D – O numeral concorda com o substantivo a que se refere (homens / alto-falantes), portanto não há problema.

Comentário:

- a) O substantivo composto “alto-falante” é formado por advérbio (alto) e por adjetivo (falante), portanto somente a segunda palavra varia. Corrigindo: “alto-falantes”.
- b) Não existe a palavra “porisso”. O correto é “por isso”.
- c) O certo seria: *Tudo aconteceu a partir do momento em que chegaram dois homens... (= dois homens chegaram no (em + o) momento...).*
- e) Com objeto direto, na norma culta, não se usa “eles”, mas o pronome oblíquo “os”. Correção: ...tivemos que os expulsar (ou expulsá-los).

9 - Nesse mesmo texto da questão 8 há uma incoerência flagrante no seguinte segmento:

- a) Tudo aconteceu a partir do momento;
- b) chegaram dois homens com dois altos-falantes;
- c) começaram a fazer propaganda de um show na porta do prédio;
- d) é proibido, após as 22h, não fazer barulho neste lugar;
- e) tivemos que expulsar eles.

9. Resposta: D – No texto, afirma-se que “é proibido não fazer barulho”. Ora, se é proibido não fazer barulho, significa que “é permitido fazer barulho”. Na realidade, o que o segurança queria dizer era: ... é proibido fazer barulho.

10 - O filme publicitário mostra um casal muito bem recebido numa agência bancária e se encerra com uma frase: “UNIBANCO. Nem parece banco”. Certamente pretende-se mostrar a superioridade desse banco sobre outros, mas a frase pode permitir também uma leitura que não seria agradável para os bancos, ou seja, a de que:

- a) todos os bancos têm a mesma aparência arquitetônica;
- b) os bancos tratam também de temas econômicos;
- c) os bancos são muito frios na relação com os clientes;
- d) os gerentes das agências não atendem os clientes;
- e) as pessoas receiam entrar nas agências bancárias.

10. Resposta: C – O filme exhibe um casal sendo muito bem recebido, o que, segundo o filme, não é comum (nem parece banco). Dessa forma, o filme, ao exaltar o tratamento oferecido pelo UNIBANCO, diz implicitamente que os outros bancos são frios na relação com os clientes, isto é, não os recebem cordialmente.

As demais alternativas não têm apoio algum no texto.

11 - Uma lata de um conhecido refrigerante traz escrita a seguinte frase: “Mais importante do que a beleza é o conteúdo”. Considerando-se ser essa uma frase publicitária, pode-se inferir que a leitura esperada pelos publicitários é a de que:

- a) a lata é bonita, mas mais valioso é o refrigerante;
- b) a lata é feia, mas o produto é bom;
- c) não importa a embalagem desde que o produto seja bom;
- d) a lata não é para ser admirada, mas sim o refrigerante;
- e) o refrigerante é ótimo apesar da embalagem.

11. Resposta: A – O objetivo principal da propaganda é convencer o público a consumir o produto. Para isso, deve apresentar argumentos, ou seja, razões (vantagens) para que se consuma esse produto. Claro que a beleza atrai num primeiro momento, mas o mais importante é o conteúdo.

Comentário:

- b) e e) A lata não é feia, e, sim, bonita;
- c) O autor não nega que a beleza seja importante;
- d) Se existe beleza no produto, pode-se admirá-la.

12 - Uma creche de São Paulo mandou fazer uma faixa – colocada na fachada do prédio – com os seguintes dizeres:

“Ame-os e deixe-os!”. Sobre os dizeres contidos nessa faixa, só NÃO se pode dizer que:

- a) há uma aparente contradição lógica entre os termos do período;
- b) os dizeres recordam uma frase da época do “milagre brasileiro”: “Brasil, ame-o ou deixe-o!”;
- c) a conjunção “e” substitui uma esperada conjunção “mas”;
- d) o pronome “os” refere-se a “filhos”;
- e) a creche reconhece a impossibilidade de amar como os pais.

12. Resposta: E – A creche não afirma que é impossível amar como os pais. Se ela tenta convencer os pais a deixar os filhos, é porque também os ama.

Comentário:

- a) Aparentemente há uma contradição lógica entre os termos do período: se os amamos, não devemos abandoná-los (deixe-os). Na realidade, o objetivo dessa mensagem é convencer os pais das crianças a deixá-las na creche, pois ali serão muito bem tratadas. Poderíamos reescrever esse texto desta forma: *Ame seus filhos, mas deixe-os conosco, pois serão muito bem cuidados.*
- b) É uma questão de intertextualidade (referência a um texto anterior). Na época do regime militar, circulou intensamente a mensagem “*Brasil, ame-o ou deixe-o!*”, que significava o seguinte: *Não fale mal do governo; se não está satisfeito com ele, vá para outro país.*
- c) As orações do período indicam oposição, como comentamos na alternativa e: *Ame-os, mas deixe-os.*
- d) Por referência exofórica (pelo contexto), o pronome “os” refere-se a “filhos”. Lembremo-nos de que se trata de uma creche.

13 - Uma coluna do jornal *Lance* dizia o seguinte: “Isto só será possível se o clube transformar-se em empresa, o presidente do clube trabalhar por isso e o torcedor reaver a confiança no time”. O erro gramatical presente nesse segmento de texto é:

- a) o emprego de “isso” por “isto”;
- b) a não repetição da conjunção “se”;
- c) o emprego de “reaver” por “reouver”;
- d) a má colocação do advérbio “só”;
- e) a grafia “presidente” por “Presidente”.

13. Resposta: C – O verbo “reaver” conjuga-se como “haver”: *se houver = se reouver*.

Comentário:

- a) O emprego de “isto” está correto gramaticalmente (= isto que estou dizendo, em referência àquilo de que estamos tratando).
- b) Subentende-se a conjunção “se” antes da terceira e da quarta oração. A ausência dessa conjunção não prejudica o sentido.
- d) Não há erro de colocação do advérbio “só”.
- e) Costuma-se usar “Presidente” (com letra maiúscula) somente em referência ao “Chefe do Estado”.

14 - Uma indicação de como tomar-se determinado medicamento registrava: “tomar dois comprimidos, de dois tipos diferentes a cada duas horas”. A frase, por ser ambígua, pode gerar confusão: tomar um ou dois comprimidos de cada tipo? A frase abaixo que NÃO traz qualquer possibilidade de ambigüidade é:

- a) Pedro e José encontraram-se com João;
- b) A perturbação do chefe prejudicou o projeto;
- c) O gerente falou com o cliente que mora perto do banco;
- d) O funcionário, em sua sala, falou com o chefe;
- e) Pedro encontrou o irmão entrando na loja.

14. Resposta: D – A expressão “em sua sala” somente se refere “à sala do funcionário”.

Comentário:

- a) Houve apenas um encontro entre os três OU houve dois: um – de Pedro com João; o outro – de José com João?
- b) O chefe perturbou (atrapalhou) OU o chefe estava perturbado (alterado)?
- c) Quem mora perto do banco, o funcionário ou o chefe?
- e) Quem estava entrando na loja, Pedro ou o irmão?

Vejam agora as frases sem qualquer ambigüidade:

- a) Pedro, José e João encontraram-se. (encontraram-se os três simultaneamente)
- b) O fato de o chefe estar perturbado prejudicou o projeto.(o chefe estava perturbado)
- c) O gerente, que mora perto do banco, falou com o chefe. (o gerente mora perto do banco)
- e) Pedro, ao entrar na loja, encontrou o irmão. (Pedro entrava na loja)

15 - A alternativa em que as duas formas da frase NÃO apresentam o mesmo significado é:

- a) O presidente deseja ser admirado pelos eleitores / O presidente deseja a admiração dos eleitores
- b) O gerente pretende ser promovido a diretor / O gerente pretende a promoção do diretor
- c) O guarda teme ser capturado pelos traficantes / O guarda teme sua captura pelos traficantes
- d) O jogador queria ser denominado “Rei” / O jogador queria a denominação de “Rei”
- e) A rainha prefere ser amada pelos súditos / A rainha prefere o amor dos súditos

15. Resposta: B – Correção: O gerente pretende a sua promoção.

Nas demais alternativas houve a transformação da oração reduzida em forma nominal (nome – substantivo), sem alteração de sentido.

16 - Na frase “Ou vai ou racha!”, a conjunção OU tem o mesmo valor significativo que apresenta na seguinte frase:

- a) O turista compreendia inglês ou francês com facilidade;

- b) As vaias ou os aplausos não perturbaram o presidente;
- c) O empregado faz o que deve ou perde o emprego;
- d) Na hora da premiação, chorava ou ria;
- e) Morávamos no segundo ou no terceiro andar.

16. Resposta: C – Tanto no enunciado, quanto na alternativa c, a conjunção ou expressa exclusão (uma só escolha): se não vai, racha / se o empregado não faz o que deve, perde o emprego.

Comentário:

Nas outras alternativas, a conjunção “ou” indica “inclusão” (os elementos somam-se); o conectivo poderia ser substituído por “e”.

- a) O turista compreendia inglês ou francês com facilidade (compreendia os dois idiomas);
- b) As vaias e os aplausos não perturbaram o presidente (não o perturbavam as duas manifestações – vaias e aplausos);
- d) Na hora da premiação, chorava e ria (chorava e ria ao mesmo tempo);
- e) Morávamos no segundo e no terceiro andar (moravam nos dois andares).

17 - Os adjetivos mostram qualidades, características ou especificações dos substantivos; a alternativa abaixo em que o termo em negrito NÃO funciona como adjetivo é:

- a) **difícil** aprendido;
- b) sensação **de dificuldade**;
- c) trabalho **que é difícil**;
- d) tarefa **difícil**;
- e) acesso **difícil**.

17. Resposta: B – A expressão “de dificuldade” não funciona como adjetivo, visto que não mostra qualidade, característica ou especificação do substantivo, mas completa o sentido do nome “sensação” (chama-se complemento nominal).

Obs.: não confundir a expressão formada por substantivo precedido de proposição (complemento nominal) com a locução adjetiva, que corresponde a um adjetivo (adjunto adnominal): o complemento nominal é “paciente”; completa sentido de advérbio, adjetivo ou substantivo abstrato, de valor relativo; já a locução adjetiva (corresponde a adjetivo) é “agente” e caracteriza substantivos concretos, ou abstratos que não necessitam de expressão que lhes complete o sentido.

Exemplos: Tenho a sensação de dificuldade (o substantivo “sensação” precisa de um termo para que seu sentido fique completo = quem tem sensação tem sensação de algo; esse algo – de dificuldade – é complemento nominal).

Fiz a compra da casa (a expressão “da casa” é paciente = a casa foi comprada – complemento nominal).

Vi a compra de meu vizinho (a expressão “de meu vizinho” é agente = o vizinho comprou – adjunto adnominal).

Bebi água da chuva (o substantivo “chuva” não exige nenhum termo que o complete, é apenas uma característica da “chuva”, portanto “da chuva” é adjunto adnominal).

Nas demais alternativas, o que está sublinhado caracteriza o substantivo, por isso funciona como adjetivo. Na letra c há uma oração adjetiva (iniciada por pronome relativo), que corresponde a um adjetivo.

18 - Uma antiga revista de humor, Pif-Paf, trazia o seguinte slogan: “Cada número é exemplar, cada exemplar é um número!”; nesta frase, as palavras “número” e “exemplar” trocaram:

- a) função, classe e significado;
- b) somente função e significado;

- c) somente função e classe;
- d) somente classe e significado;
- e) somente classe.

18. Resposta: A – Na primeira oração, “número” é núcleo do sujeito (função), substantivo (classe) e significa “edição”; o termo “exemplar” é predicativo do sujeito (função), adjetivo (classe) e significa “que serve de modelo”, “que é ótimo”. Na segunda oração, “exemplar” é núcleo do sujeito, substantivo e significa “revista”; “número” é predicativo do sujeito, adjetivo e significa “conjunto”, “série de humor”.

19 - Nesta mesma revista Pif-Paf, a apresentação do humorista Fortuna, um dos colaboradores da revista, era feita do seguinte modo:

Fortuna é realmente um humorista nato. Muita gente preferia que ele fosse um humorista morto, mas ele ainda chega lá. Em criança também tinha mania de fazer brincadeiras com os pais, das quais ainda conserva inúmeras cicatrizes. Até hoje continua roxo por uma piada, sobretudo no dia seguinte.

O comentário INCORRETO sobre os constituintes desse pequeno texto é:

- a) A oposição entre nato x morto provoca humor, mas não há, de fato, oposição de sentido entre esses adjetivos, em seus contextos;
- b) A expressão “ele ainda chega lá” refere-se às possibilidades de sucesso profissional do humorista Fortuna;
- c) As cicatrizes a que se refere o texto mostram, no plano humorístico, más conseqüências das brincadeiras do humorista com os pais;
- d) A expressão “continua roxo” mostra desejo intenso;
- e) A referência ao “dia seguinte” faz referência a possíveis conseqüências de agressões em razão das piadas, no plano humorístico.

19. Resposta: B – A expressão “ele ainda chega lá” refere-se ao fato de que um dia ele vai morrer.

Comentário:

- a) As palavras “nato” e “morto” não são opostas. Teríamos oposição, por exemplo, entre “morto” e “vivo”. O vocábulo “nato” significa “de nascença”, “que está por natureza ligado à pessoa”; a morte também está “por natureza ligada à pessoa”, pois todos morreremos.
- c) As cicatrizes, no sentido conotativo, significam que as repreensões dos pais, que não gostaram das brincadeiras, ainda hoje o incomodam.
- d) O vocábulo “roxo” significa “excessivo”, “desmedido”, “muito intenso”.
- e) As pessoas atingidas pelas piadas podem “agredir” o humorista.

20 - A frase abaixo faz parte de seção de uma revista de humor:

“Se você é um verdadeiro masoquista.
“Se você realmente adorou esta seção.
“Não perca o próximo número.
“Vai ser muito pior!”

O humor, neste caso, é produzido pelo(a):

- a) crítica feita à própria revista;
- b) ambigüidade de termos;
- c) relação “masoquista” / “pior”;
- d) reconhecimento das próprias falhas;
- e) ironia do termo “adorou”.

20. Resposta: C – O humor é produzido pela relação “masoquista” / “pior” porque, se a pessoa é “masoquista”, isto é, que gosta de ser maltratada, vai ser ainda mais maltratada (pior) no próximo número. Existe humor, visto que, em geral, as pessoas não gostam de ser maltratadas; mas, se o leitor gosta, então será maltratado com mais intensidade.

Comentário:

- a) Não se deduz que haja uma autocrítica.
- b) Os termos são claros, não provocam duplo sentido.
- d) A revista não reconhece as próprias falhas. Com a expressão “se você adorou”, presume-se que a revista tenha feito um bom trabalho; com o termo “pior”, subentende-se que ela será muito melhor em relação às piadas masoquistas.
- e) O termo “adorou” está usado em sentido denotativo (= gostou muito), ou seja, no sentido real, sem conotação irônica.

Henrique Nuno

www.editoraferreira.com.br